

A atualidade do pensamento de Marx e Engels no debate sobre a plataformização do trabalho

Pedro Henrique de Melo Teixeira (pedro.teixeira@ifal.edu.br)
Instituto Federal de Alagoas- Campus Piranhas

Resumo

Esta pesquisa faz um esforço para trazer à tona as análises de Marx e Engels sobre os efeitos da tecnologia sobre o trabalho e a classe trabalhadora. Procura realizar também um debate sobre os efeitos nocivos da subsunção da tecnologia realizada pelo capital. No contexto atual, onde a tecnologia gera formas eficientes de exploração do trabalho, através do uso de plataformas e aplicativos, o debate sobre as formas de mediação/exploração do trabalho ganha importância na medida em que a luta por emancipação dos/as trabalhadores/as passa, necessariamente, pelo domínio dessas tecnologias (HARVEY, 2016) para que se criem alternativas de enfrentamento do capital. Este estudo foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica que aponta para processos de exploração do trabalho através do uso da tecnologia/maquinaria, levando em consideração escrito de (ANTUNES, 2018; ENGELS, 2010; GRAMSCI, 2010; MARX, 2010, 2015). Os resultados apontam para uma tendência de precarização/intensificação do trabalho no contexto da plataformização do trabalho na inserção de tecnologias da informação na mediação das relações trabalhistas.

Palavras-chave: Trabalho. Alienação. Tecnologia.

Resumen

Esta investigación hace un esfuerzo por sacar a la luz los análisis de Marx y Engels sobre los efectos de la tecnología en el trabajo y la clase trabajadora. También busca realizar un debate sobre los efectos nocivos de la subsunción de tecnología realizada por el capital. En el contexto actual, donde la tecnología genera formas eficientes de explotación laboral, a través del uso de plataformas y aplicaciones, el debate sobre las formas de mediación/explotación laboral cobra importancia ya que la lucha por la emancipación de los trabajadores pasa necesariamente por el dominio de estas tecnologías (HARVEY, 2016) para que se puedan crear alternativas de enfrentamiento al capital. Este estudio fue elaborado a partir de una revisión bibliográfica que señala procesos de explotación laboral mediante el uso de tecnología/maquinaria, teniendo en cuenta escritos de (ANTUNES, 2018; ENGELS, 2010; GRAMSCI, 2010; MARX 2010, 2015). Los resultados apuntan a una tendencia hacia la precariedad/intensificación del trabajo en el contexto de la plataformización del trabajo en la inserción de las tecnologías de la información en la mediación de las relaciones laborales.

Palabras-clave: Trabajo. Alienación. Tecnología.

Introdução

Engels (2010), em “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, descreve o processo de desenvolvimento das máquinas e suas consequências para os trabalhadores ingleses da I Revolução Industrial. Ao relacionar o desenvolvimento tecnológico com o aumento da miséria e da fome, Engels constata, naquele contexto histórico, o que a tecnologia, quando apropriada com fins de exploração do ser humano, pode fazer.

Lembremos que: “A tecnologia pode ser definida como o uso de processos e coisas naturais na fabricação de produtos para propósitos humanos. Em sua base, a tecnologia define uma relação específica, dinâmica e contraditória, com a natureza” (HARVEY, 2016, p.133). Tomando essa contradição importante do capital como parâmetro, retomamos Engels (2010), notando que o pensador prussiano descreve como as primeiras máquinas de fiar foram, com velocidade estonteante, retirando empregos e barateando a força de trabalho naquele país.

Foi pela força motriz dessa tecnologia de fiar e de tecer, marca da revolução industrial, que as contradições que se estruturavam no mundo do trabalho começaram a tomar vulto histórico naquele contexto. Ao mesmo tempo em que cidades cresciam, a burguesia se desenvolvia, a população se multiplicava e o preço dos produtos caíam, o proletariado empobrecia e era forçado, pela adoção das novas tecnologias que surgiam, em detrimento da manufatura caseira, a vender suas terras e migrarem para os centros produtores, onde encontravam uma situação degradante e condições de pauperização.

É da própria dinâmica do sistema de reprodução do capital as formas de degradação humana que se dão a partir da exploração que as classes dominantes impõem a classe trabalhadora. Essas formas de exploração não só criam condições insalubres para os trabalhadores como fomentam a degradação da vida como um todo e, ainda nesse contexto, capturam os nexos psicofísicos em nome da geração de riquezas para um grupo pequeno que explora a massa que trabalha e que produz. Para Harvey (2016):

As mudanças tecnológicas do capitalismo, para as quais contribui e das quais se alimenta com voracidade, derivam, em suma, da atividade de vários agentes e instituições. Essas inovações criam um amplo domínio de possibilidades mutáveis para sustentar ou aumentar a lucratividade do capital (HARVEY, 2016, p. 136).

Nesse contexto, a servidão, que se metaboliza a partir dos elementos alienadores do trabalho elaborados pelo capital (MARX, 2015), quando este absorve o trabalho vivo

e o submete aos seus interesses na produção da mais-valia, se mostra atemporal. Atemporal porque ligada à mesma infraestrutura histórica que produz esse fenômeno. Desta forma, infere-se que o sofrimento que Engels (2010) relata em seu estudo sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra pode ser facilmente notado na maioria das cidades do mundo no século XXI.

É importante, no contexto atual, adicionar a esta condição de exploração que o capital impõe às classes que produzem a riqueza, os elementos tecnológicos que contribuem decisivamente para uma maior eficiência na extração de mais-valia e, ao mesmo tempo, uma maior eficácia na subsunção da tecnologia pelo capital (MARX, 2015), e na conseqüente alienação do trabalho (MARX, 2010).

Assim, achamos nos relatos de Engels (2010) e nas análises de Marx (2010,2015) sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra e sobre os efeitos da subsunção da tecnologia pelo capital, elementos para que possamos realizar uma ponte temporal que tente alcançar os nexos que ligam a exploração do trabalho realizada pelas máquinas/tecnologia durante a história do desenvolvimento da sociabilidade capitalista.

Encontra-se assim, na tecnologia aplicada à produção, os elementos que “desefetivam” e submetem os trabalhadores aos mais diversos tipos de desumanização. Dessa forma, embora o capital tente vender a ideia de que com o desenvolvimento tecnológico o setor que produz ganha, há a constatação de que:

O aperfeiçoamento das máquinas se opera continuamente e que, se o operário consegue inserir-se num novo setor de trabalho (supondo que isso seja possível), logo será deslocado, perdendo, conseqüentemente, aquele pouco de segurança que ainda lhe restava para ganhar o pão, na realidade, a burguesia limita-se a tirar proveito do aperfeiçoamento das máquinas (ENGELS, 2010. p. 176).

Neste ponto Antunes & Alves (2004) reforçam essa ótica que enxerga a alienação do trabalhador implementado pelo desenvolvimento tecnológico, quando afirmam que:

Contrariamente à interpretação que vê a transformação tecnológica movendo-se em direção à idade de ouro de um capitalismo saneado, próspero e harmonioso, estamos presenciando um processo histórico de desintegração, que se dirige para um aumento do antagonismo, o aprofundamento das contradições do capital. Quanto mais o sistema tecnológico da automação e das novas formas de organização do trabalho avança, mais a alienação tende em direção a limites absolutos (ANTUNES e ALVES, 2004,p. 348).

Essa é uma contradição importante que podemos apontar a partir da leitura que Engels (2010) fez da classe trabalhadora na Inglaterra na Revolução Industrial e que podemos utilizar nas nossas reflexões sobre a plataformização do trabalho.

Independente da época ou do tipo de avanço técnico entende-se que a tecnologia, no lugar de libertar o ser humano do trabalho, aprisiona-o, uma vez que o uso tecnológico se dá no sentido do aperfeiçoamento da exploração da força de trabalho e para a captura da subjetividade do trabalhador. Recorremos, ainda, a Engels para afirmar que:

Numa ordem social organizada, tais aperfeiçoamentos seriam uma ótima coisa; porém, num regime em que reina a guerra de todos contra todos, uns poucos indivíduos se apossam das vantagens que deles derivam e subtraem à maioria os seus meios de subsistência. Qualquer aperfeiçoamento das máquinas põe alguns operários na rua e quanto mais importante é o progresso, maior é a parcela da classe jogada no desemprego; assim, todo aperfeiçoamento mecânico tem, para um bom número de operários, os mesmos efeitos de uma crise comercial, gerando miséria, sofrimentos e crime (ENGELS, 2010, p. 174).

Na impossibilidade de se libertar do trabalho em função do avanço tecnológico, o trabalhador tem que se mesclar à tecnologia para sobreviver, o resultado desse processo é a alienação do trabalhador e o aumento da degradação do trabalho, como avalia Antunes (2018):

Como a máquina não pode suprimir o trabalho humano, é necessária uma maior interação entre a subjetividade que trabalha e a nova "máquina inteligente". Nesse processo, o envolvimento interativo maquínico pode intensificar ainda mais o estranhamento do trabalho, ampliando as formas modernas da reificação, distanciando ainda mais a subjetividade do exercício de uma cotidianidade autêntica e autodeterminada. Mais: se o estranhamento permanece e, mesmo, se complexifica nas atividades de ponta do ciclo produtivo, naquela parcela aparentemente mais "estável" e inserida da força de trabalho que exerce o trabalho intelectual abstrato, o cenário é ainda mais intenso nos extratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e a instabilidade cotidiana, dada pelo trabalho *part-time*, temporário, precarizado, para não falar nos crescentes contingentes que vivenciam o desemprego estrutural (ANTUNES, 2018, p. 107).

Marx (2015), nos seus esboços da crítica da econômica política, escritos entre 1857 e 1858, trata desse processo de desenvolvimento tecnológico e de seus desdobramentos para com os trabalhadores. No esboço supracitado, o elemento tecnológico desenvolve o trabalho quase que de forma autônoma, colocando o trabalhador como parte aderente desse mecanismo.

Esse processo se assemelha ao que ocorre com os trabalhadores que operam a partir de aplicativos, ainda que nessa modalidade de exploração do trabalho a atividade

intelectual seja mais importante (ANTUNES, 2018). Nesse contexto, o próprio trabalho intelectual é capturado, dando aos que exploram essa força produtiva ainda mais domínio sobre o processo de extração de mais valia.

A análise que se desenvolve nesse estudo corre no sentido de afirmar o poder de domínio da tecnologia que Marx (2015) denominará de “sistema de maquinaria” (p. 929), uma vez que, altera o meio de trabalho para fazê-lo atuar como metabolizador do capital, ao mesmo tempo em que o próprio processo de produção ou de atividade no setor de serviços é responsável por colocar o ser humano a serviço da maquinaria/tecnologia e não o contrário. Assim:

Em nenhum sentido a máquina aparece como meio de trabalho do trabalhador individual. A sua *differentia specifica* não é de forma alguma, como no meio de trabalho, a de mediar a atividade do trabalhador sobre o objeto; ao contrário, esta atividade é posta de tal modo que tão somente medeia o trabalho da máquina, a sua ação sobre a matéria-prima supervisionando-a e mantendo-a livre de falhas (MARX, 2015, p.929-930).

No nosso contexto de análise percebemos que a maquinaria medeia o trabalho e que o trabalhador opera quase que desconectado do processo de produção, no caso dos serviços, executando atividades, uma vez que, no contexto da plataformização, é o ser humano que pode ser substituído em caso de “mal funcionamento”.

Na passagem que segue podemos perceber como a tecnologia passa a ser o elemento principal que atua na relação de produção, e como esta passa a atuar sobre a consciência do trabalhador para submetê-lo à lógica do capital, onde o próprio processo de produção se confunde com o processo de apropriação do trabalho vivo:

A ciência, que força os membros inanimados da maquinaria a agirem adequadamente como autômatos por sua construção, não existe na consciência do trabalhador, mas atua sobre ele por meio da máquina como poder estranho, como poder da própria máquina. Na produção baseada na maquinaria, a apropriação do trabalho vivo pelo trabalho objetivado – da força ou atividade valorizadora pelo valor existente por si, inerente ao conceito do capital – é posta como caráter do próprio processo de produção, inclusive de acordo com os seus elementos materiais e seu movimento material. O processo de produção deixou de ser processo de trabalho no sentido de processo dominado pelo trabalho como unidade que o governa (MARX, 2015, p. 930).

Note-se que Marx (2015) advoga a ideia de que o trabalhador é incorporado ao sistema maquínico, absorvido, subsumido pela maquinaria e por isso coisificado, colocado à disposição do capital para ser explorado como máquina.

É interessante notar também que o avanço tecnológico é também o refinamento das formas de exploração do trabalho pela maquinaria, desta feita, a tecnologia

informacional, a inteligência artificial, guardam em seu bojo as formas mais arrojadas e eficientes de exploração do trabalho humano. Para Harvey (2016):

O capital inventou, inovou e adotou formas tecnológicas cujo principal objetivo é melhorar seu controle sobre o trabalho, tanto no processo do trabalho quanto no mercado de trabalho. Essa tentativa de controle envolve não só a eficiência física, mas também a autodisciplina dos trabalhadores empregados, a qualidade da mão de obra disponível no mercado, os hábitos culturais e a mentalidade dos trabalhadores em relação às tarefas que se espera que realizem e os salários que esperam receber (HARVEY, 2016, p. 147).

O trabalhador é disposto como elemento adicional, apêndice da maquinaria, apenso dos aplicativos de celulares que, como a antiga maquinaria industrial, promove a subsunção de quem produz, que, de forma eficiente, submete o ser humano à maquinaria a serviço do capital.

No capital, o ser social é reduzido, como afirmado em Marx (2015), onde o trabalhador torna-se tão somente um autômato, tratando-se como maquinaria e não reconhecendo no outro uma vida que esteja distante do conceito de máquina. Marx (2015) entende que:

Por conseguinte, um modo de trabalho determinado aparece aqui diretamente transposto do trabalhador para o capital na forma da máquina, e por meio dessa transposição sua própria capacidade de trabalho é desvalorizada. Daí a luta dos trabalhadores contra a maquinaria. O que era atividade do trabalhador vivo devém atividade da máquina. Assim, a apropriação do trabalho pelo capital, o capital absorvendo em si o trabalho vivo, se apresenta ante o trabalhador de maneira cruamente perceptível – “como se tivesse amor no corpo” (MARX, 2015, p. 940).

Parte dos estudos de Marx sobre o funcionamento do capital, como podemos observar aqui, foi dedicada ao estudo da maquinaria, do seu desenvolvimento, aplicação e consequências para ao processo de produção e, à vista disso, para o proletariado.

Nesse sentido, fica a análise sobre a possibilidade de que a maquinaria pudesse libertar o ser humano do julgo do trabalho, na medida em que este mecanismo substituísse o trabalho humano. Essa afirmação não passa de utopia no contexto do capital, uma vez que este sistema visa o aumento da extração de mais-valia e não há nele outro objetivo que não este. Num contexto mais atual, a tecnologia induz ao desemprego a traz consequências danosas para os trabalhadores, neste contexto:

O papel do desemprego tecnologicamente induzido na regulação dos salários, a busca de produtos cada vez mais baratos para sustentar a mão de obra (fenômeno Walmart), a fim de tornar mais aceitáveis os baixos salários, a crítica a qualquer proposta de salário social e outras manobras semelhantes constituem um domínio da luta de classes em que as invenções e mediações tecnológicas são cruciais (HARVEY, 2016, p. 148).

Assim, o capital dirime a possibilidade de emancipação do trabalho, porque se apropria da maquinaria para tornar mais eficiente a exploração da força que produz, o que ocorre com os aplicativos e plataformas nos dias atuais, eliminando a ideia de que a maquinaria favorecesse a reorganização da produção, do tempo gasto com trabalho e a redistribuição da renda produzida neste processo, o que só ocorreria com a superação da lógica capitalista.

No *Capital*, Marx (2014) retoma o debate sobre a maquinaria e, além de mostrar como se deu o desenvolvimento tecnológico, traça um panorama de como o proletariado é submetido pelo processo de desenvolvimento tecnológico no lugar de se libertar em função dele. Ele nos alerta que:

Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista, ao empregar maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de sexo e de idade, sob o domínio direto do capital. O trabalho obrigatório, para o capital, tomou o lugar dos folguedos infantis e do trabalho livre realizado, em casa, para própria família, dentro limites estabelecidos pelos costumes (MARX, 2014, p. 451).

Para ilustrar melhor essa contradição basta observarmos que a tecnologia poderia diminuir bastante o tempo de trabalho, no entanto o que Marx (2014) observou, e pelo que se observa hoje, na uberização, é que o tempo de dedicado ao trabalho aumenta na proporção do avanço tecnológico, uma vez que o gerenciamento do trabalho por TIC's leva a “intensificação e extensão do tempo de trabalho” (ABÍLIO, 2020.p.119). A tecnologia intensifica o trabalho na medida em que consegue diminuir a porosidade do trabalho e aumentar o tempo disponível do trabalhador para quem compra a sua força de trabalho.

A porosidade se expressa “no sentido de uma atividade intercalada por momentos de não-trabalho. Ou seja, a jornada compreende em seu interior duas realidades: momentos de trabalho e de não-trabalho. Durante os tempos mortos, os porosos o trabalhador não trabalha e não produz valor” (DAL ROSSO, 2008, p. 47).

Assim, a eficiência da tecnologia, quando seus fins são os da promoção da alienação humana, em suas diversas formas, volta-se para o processo de metabolização do capital e não para a emancipação humana do trabalho.

Essa função da tecnologia, de aumento efetivo de extração de mais-valia, faz com que o capital invista ainda mais em desenvolvimento tecnológico pois, segundo essa lógica, quanto mais avançada for a tecnologia quanto mais eficiente será a exploração do trabalho e, conseqüentemente, a acumulação do capital.

No desenvolvimento da tecnologia para a produção, e no contexto atual, das TIC's, que além de efetivar a produção é também utilizada para a regulação das atividades dos trabalhadores, a subsunção do trabalho se torna efetiva e continuamente em desenvolvimento, pois o desenvolvimento tecnológico vai alterando a eficiência da exploração e aumentando o grau de capacidade de subsunção do trabalho pelo capital.

É por esse motivo que o sistema capitalista, após o processo de subsunção do trabalho, aplica esforço considerável no desenvolvimento tecnológico e o faz no intuito de fomentar a ampliação da extração de mais-valia para o acúmulo de capital e mortificação dos trabalhadores.

No trabalho subsumido a força de trabalho vivo é submetida e deslocada pelo domínio do capital a partir do desenvolvimento tecnológico ao papel de meio de produção, o trabalhador torna-se assim uma peça da engrenagem de produção, um componente de operação de determinados aplicativos no contexto atual e perde inclusive sua humanidade.

Conclusão

No contexto do capital, quanto mais desenvolvimento tecnológico mais desumanização e exploração, quanto mais tecnologia menos liberdade, a desvalorização do trabalhador se dá de forma diretamente proporcional ao desenvolvimento tecnológico, por que este desenvolvimento subordina o trabalho a tudo aquilo que concorre para a acumulação de riquezas e aumento das desigualdades. Embora, Harvey (2016) argumente que o desenvolvimento tecnológico pode fornecer instrumentos de sublevação aos trabalhadores. Desta forma:

Sabemos que qualquer luta contra a degradação do meio ambiente em escala mundial, as desigualdades sociais e o empobrecimento, as dinâmicas perversas de população, os déficits globais em saúde, educação e nutrição e as tensões geopolíticas e militares implicará a mobilização de muitas das tecnologias disponíveis atualmente para se atingir propósitos sociais, ecológicos e políticos não capitalistas (HARVEY, 2016, p. 156).

Refletindo sobre o contexto das sequelas do desenvolvimento da tecnologia sobre os trabalhadores Marx (2014) relata que:

Enquanto a cooperação simples, em geral, não modifica o modo de trabalhar do indivíduo, a manufatura o revoluciona inteiramente e se apodera da força de trabalho em suas raízes. Deforma o trabalhador monstruosamente, levando-o, artificialmente, a desenvolver uma habilidade parcial, à custa da repressão de um mundo de instintos e capacidades produtivas, lembrando aquela prática das regiões platinas onde se mata um animal apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo. Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações são distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial, tornando-se, assim, realidade a fábula absurda de Menenius Agrippa que representa um ser humano com simples fragmento do seu próprio corpo (MARX, 2014, p.415).

Marx coloca em nota de roda pé explicação sobre a fábula de Agrippa, onde o cônsul romano fala sobre a importância do estômago para o corpo, comparando este órgão com os plebeus e sua importância para o corpo da civilização romana quando da revolta do monte sagrado.

No *Capital* Marx faz essa comparação dos trabalhadores em relação ao sistema produtivo. Reproduzimos aqui a fábula de Agrippa que não consta nas notas de roda pé de *O capital*, segundo Lopez Cruz (2011):

Livio (Titus Livius), relata lo siguiente: Después del retiro de los plebeyos al Monte Sacro, en la ciudad se viven momentos de terror porque tanto los plebeyos que se habían quedado como los patricios temían que la violencia estallara de una otra parte. Éstos deliberan sobre la situación y deciden que debía conseguirse a cualquier precio la concordia de los ciudadanos. Por ello, envían como legado a Menenio Agripa, hombre elocuente y querido de la plebe por ser de origen plebeyo. Éste, al entrar en el campamento, se limita a contarles lo que sucedió en el cuerpo del hombre cuando no había acuerdo entre sus miembros, pues cada uno tenía su propio pensamiento. En esa época aconteció que los miembros del cuerpo tramaron una conspiración contra el estómago, porque pensaban que por estar en medio del cuerpo no hacía nada y sólo se dedicaba a disfrutar del alimento que recibía por el trabajo y esfuerzo de los demás. Indignados por esto, conspiraron para que las manos no llevaran alimento a la boca, para que ésta no lo aceptara y los dientes no lo trituraran; de esta manera imaginaron que podrían someter al estómago por hambre, pero pronto se dieron cuenta de que todo el cuerpo adelgazó extremadamente. Hasta entonces, los miembros del cuerpo entendieron con toda claridad cuál era la verdadera función del estómago: él también los alimentaba al enviarles, por igual, la sangre que elaboraba por medio de la digestión de los alimentos que recibía. Livio añade que, haciendo esta comparación entre la sedición interna del cuerpo y la ira de la plebe contra los patricios, Menenio logró doblegar las mentes de aquellos hombres. De inmediato se empezó a tratar sobre la reconciliación y se acordó la creación de los tribunos de la plebe, cuya finalidad sería auxiliar a los plebeyos ante las decisiones de los cónsules. (LOPEZ CRUZ, 2011, p. 121)

Da mesma forma que a fábula diz da importância dos plebeus para aquele império, alertamos para o quão central é a importância da classe trabalhadora para a manutenção

e reprodução do sistema capitalista, estando em suas mãos, na organização trabalhista, no movimento sindical, as decisões sobre os rumos que a tecnologia pode ter no núcleo da organização do trabalho.

A subsunção do trabalho pelo capital legou à humanidade um sistema de produção ou de serviços eficiente para a extração de mais-valia na mesma medida em que tencionou os trabalhadores no sentido, como afirmado por Marx acima, de deformá-lo e mutilá-lo, fazendo com que este se automatize como a máquina ou o aplicativo a que este serve.

O capital fez com que o trabalho só tenha sentido, do ponto de vista da produção e reprodução de riquezas, se estiver ligado ao seu contexto. Ainda sobre a subsunção do trabalho, e daquele que trabalha, pelo capital o mesmo autor afirma:

Agora, sua força individual de trabalho não funciona se não estiver vendida ao capital. Ela só opera dentro de uma conexão que só existe depois da venda, no interior da oficina do capitalista. O trabalhador da manufatura, incapacitado, naturalmente, por sua condição, de fazer algo independente, só consegue desenvolver sua atividade produtiva como acessório da oficina do capitalista. O povo eleito trazia escrito na fronte que era propriedade de Jeová; do mesmo modo, a divisão do trabalho ferreteia o trabalhador com a marca do seu proprietário: o capital (MARX, 2014, p.416).

O que sobra para o trabalhador depois do capital submeter todas as suas qualidades ao processo produtivo? Depois de ser explorado e de ter sua vida absorvida e integrada à maquinaria e/ou ao aplicativo? Marx (2014) se utiliza das conclusões de um defensor do capital para demonstrar os efeitos danosos e nefastos da exploração.

Assim, as forças produtivas a serviço do capital não produzem nada que não esteja a serviço do acúmulo deste, trazendo riqueza e desenvolvimento sempre para o capitalista e nunca para quem trabalha e produz. Na medida em que avança a tecnologia avança também o aprofundamento dessas formas de extração de mais-valia e, conseqüentemente, avança a desumanização de quem produz a riqueza. Aquela tecnologia que libertaria a humanidade da opressão do trabalho serve sim para que o processo de exploração se efetive e se torne cada vez mais eficiente em detrimento da humanidade e vida daqueles que produzem a riqueza.

Referências

ANTUNES, Ricardo., ALVES, Giovanni. (2004). *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351.

XIII Seminario Internacional de la RED ESTRADO

Dos décadas de estudios sobre el trabajo docente: existir, resistir y construir nuevos horizontes

- ANTUNES, Ricardo. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital*. Boitempo Editorial.
- ENGELS, Friedrich. (2010). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* / Friedrich Engels ; Tradução B. A. schumann ; Supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo : Boitempo.
- GRAMSCI, Antonio. (2008). *Americanismo e fordismo*. Quaderni del cárcere. Tradução Gabriel Bogossian. Notas Alvaro Bianchi. – São Paulo: Hedra: 2008.
- GROHMANN, Rafael. (2020). *Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal*. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 22, n. 1, p. 106-122.
- HARVEY, David. (2016). *17 contradições e o fim do capitalismo*/ David Harvey ; tradução Rogério Bettoni. – 1.ed. – São Paulo : Boitempo.
- LÓPEZ CRUZ, Paula. (2011). *La fábula de Menenio Agripa (Liv., II, 32-33)*. Nova tellus, v. 29, n. 2, p. 117-128.
- MARX, Karl. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos* / Karl Marx ; tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. – [4. Reimpr.]. – São Paulo : Boitempo.
- MARX, Karl. (2014). *O capital [livro 1] : Crítica da economia política. O processo de produção do capital*. Apresentação de Jacob Gorender e tradução de Rubens Ederle. Ed 2 . Boitempo.
- MARX, Karl. (2015). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Boitempo editorial.